

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Formação Intercultural para Educadores Indígenas
Ciências Sociais e Humanidades

Cera e Mel

As abelhas na cultura Xakriabá

Aline Fernandes da Mota
Elisandra Fernandes Pimenta
Genivaldo Fernandes Ribeiro

Belo Horizonte - MG

2017

Aline Fernandes Mota
Elisandra Fernandes Pimenta
Genivaldo Fernandes Ribeiro

Cera e Mel

As abelhas na cultura Xakriabá

Monografia apresentada ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de licenciados em Ciências Sociais e Humanidades.

Orientador: Pedro Rocha

Belo Horizonte - MG
2017

Nandoã

Nandoãhã

huminixãhãhãandoã

haruámundurimandassaiauruçú

raiz de imbúnandoã jataí.

Eu sou

Eu sou Xakriabá

Vivo de carne de caça

E mel de abelha,

Sou um pouco de cada

Sou da natureza.

(ao cantar, repetir 2x cada frase)

Agradecimentos

Agradecemos primeiramente a Tupã, nosso Deus, por nos conceder esse momento de conclusão de curso. Aos nossos familiares: pai, mãe, irmãos irmãs, esposo, esposa e filhos, pela ajuda e incentivo durante toda nossa trajetória estudantil. Aos nossos mais velhos, que tiveram a confiança de nos passarem seus conhecimentos. Os Srs. Osvaldo Fernandes Ribeiro, Valdomiro Fernandes Pimenta, João Batista Gonzaga Mota, João Correia Franco, José Correia Franco e Sra. Angélica Fernandes de Oliveira. Às lideranças que nos acompanharam durante todo esse tempo, ensinando os caminhos a serem percorridos. Em especial ao nosso orientador Pedro Rocha, pela paciência e dedicação e valorização que teve com nosso trabalho. Ao bolsista da CSH Guilherme Marinho, pela ajuda na formatação do nosso trabalho, e a toda equipe da UFMG, entre: professores, monitores, bolsistas e secretários. Também agradecemos ao nosso coordenador da turma de Ciências Sociais e Humanidades, professor Paulo Maia, pelos incentivos e ensinamentos durante todo o curso. Aos nossos colegas de curso, principalmente os da turma CSH, pelos momentos que passamos juntos. E a todos aqueles que direta ou indiretamente ajudaram na conclusão desse trabalho.

Resumo

Neste trabalho, pesquisamos e analisamos com os nossos mais velhos as abelhas que existiam e que existem dentro da nossa TI.Xakriabá. Através de nossas entrevistas descobrimos dezoito tipos de abelhas, sendo que algumas delas não são mais encontradas, principalmente em nossa aldeia. Dentre as abelhas que ainda existem, descobrimos que, nos dias de hoje, apenas quatro delas são hoje utilizadas em nossa cultura. Diante disso, fizemos esse trabalho voltado para essas abelhas mais utilizadas. São elas: Oropa, Jataí, Tataíra e Cupinheira. Exploramos os usos de seus meles, com foco na alimentação e na produção de remédios. Também mostramos que a cera dessas abelhas é utilizada na confecção de artesanatos e em simpatias, quando necessário. Diante das entrevistas que fizemos, ficou claro que: o que causou a diminuição das abelhas foi: o desmatamento, as queimadas e também a falta de chuva, que é muito freqüente em nossa região. Concluímos que é essencial uma conscientização sobre a preservação do meio ambiente onde habitam essas abelhas.

Palavras chaves: Remédios, Conhecimentos tradicionais, abelhas, Xakriabá

Sumário

Introdução	8
Capítulo 1. Informações gerais sobre o povo Xakriabá.....	14
Capítulo 2. As abelhas descritas	22
2.1. Inclusão da abelha Oropa dentro da terra indígena	33
2.2. Os tipos de abelhas encontradas em nossa região.	34
2.3 As técnicas de furar abelha / armazenamento do mel	35
2.4. Como abrigar as abelhas depois da retirada do mel.....	38
2.5. Projeto de criação de abelha oropa	40
Capítulo 3. Usos do mel e da cera	42
3.1. Utilização do mel.....	42
3.2. Utilizações das ceras	45
3.3. A diferença entre o mel das abelhas oropa, jataí, tataíra e cupinheira	47
3.4. Remédios produzidos com os meles	48
3.5. Utensílios feitos com a cera das abelhas.....	49
3.6. Simpatias com a cera.....	50
Conclusão	51
Referencias bibliográficas:	53
Figura 1. . Localização da Terra Indígena Xakriabá. Fonte: Santos e Barbosa, 2012:77.	14
Figura 2. Tipos de vegetação existentes na TI Xakriabá e na TI Xakriabá/Rancharia. FONTE: Fernandes e Santos, 2014: 489.....	15
Figura 3. Casa de jataí em árvores.	23
Figura 4. Casa de jataí em pedra.....	23
Figura 5. Oropa em árvore	24
Figura 6. Tataíra em árvore.	24
Figura 7. Abelha marimbondo soldadinho.	25
Figura 8. Marimbondo Caçador.	26
Figura 9. Casa de Marimbondo Caçador	26
Figura 10. Abelha Tubina em árvore.....	27
Figura 11. Abelha aratim no chão.	28
Figura 12. Abelha Aratim em pedra.....	28
Figura 13. Abelha Vamos-Embora.	29
Figura 14. Abelha cupinheira em cupins.	29
Figura 15. Abelha Chupé em árvore.	30
Figura 16. Abelha Boca de Sapo no chão.	30
Figura 17. Abelha Arapuá em árvore.	31
Figura 18. Abelha Sanharó em árvore.....	32
Figura 19. Sr. Valdomiro furando abelha Jataí no chão.	36
Figura 20. Sr. José Correia furando a abelha Cupinheira.	37
Figura 21. As três fotos retratam moradas de abelhas feitas pelo Sr. Valdomiro.....	40

Figura 22. Sr. João Batista retirando mel da abelha oropa na máquina científica.	41
Figura 23. Favo de mel da abelha jataí.....	43
Figura 24. Favos de mel da abelha oropa.....	43
Figura 25. Mel da abelha Cupinheira.	44
Figura 26. Cera de abelhas	45
Figura 27. Pavios de cera.....	46
Figura 28. Candeia de cera.	46
Tabela 1. Os usos do Mel.	44
Tabela 2. Usos da cera.	47

Introdução

Somos universitários do Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, da Universidade Federal de Minas Gerais. Iniciamos o curso no ano de 2013, com término previsto para setembro de 2017. Somos da aldeia Barreiro Preto, localizada na Terra Indígena Xakriabá. Nós, as autoras, moramos na mesma aldeia.

Antes de começar o trabalho, vamos apresentar um pouco de nossas vidas e também da nossa trajetória escolar.

Aline Fernandes da Mota:

Tenho 22 anos, nasci no dia 15 de dezembro de 1994, sou casada com Donizete Fernandes Pimenta, temos uma filha Aila Dhemili Fernandes Pimenta. Moro na aldeia Barreiro Preto, Terra Indígena Xakriabá, município de São João das Missões. Minas Gerais.

Minha Trajetória escolar começou com 7 anos, comecei a ir para escola. Tive muitos amigos. Estudei a primeira série até a oitava na escola indígena Bukinuk, na aldeia Sumaré com professores indígenas. Minha primeira formatura foi nessa mesma aldeia no ano de 2009. Foi muito boa à formatura, e pensar que com tantas lutas e dificuldades, mas uma grande vitória. No ano de 2012, formei o 3º ano na aldeia Brejo Mata Fome, na escola Bukimuju. Na nossa reserva tem um rodízio de formaturas, cada ano a formatura é em uma aldeia, os alunos estudam em uma escola e forma em outra.

No dia 25/11/2012 fiz a prova da UFMG Universidade Federal de Minas Gerais, na cidade de Montes Claros MG e graças a Deus consegui passar, foi muita correria, os documentos que tinha que enviar para a UFMG, mas consegui enviá-los. No ano de 2013, no mês de abril tinha que vir para Belo Horizonte, foi muito difícil, eu nunca tinha viajado, nem saído perto da minha família, e nesse mês tive que sair para estudar. O primeiro dia de aula é um desespero porque são professores diferentes da aldeia, ao entrar na sala pensei assim: meu deus o que eu vim fazer aqui. O professor começa a dar as

apostilhas e pensei que não iria conseguir ficar no curso, mas foram só os primeiros dias depois agente acostuma, não entendia nada dos textos, ficar longe de casa foi mais difícil ainda. Passamos o mês em Belo Horizonte, no dia de ir embora e inacreditável, todo mundo amanhece o dia alegre, brincalhão, nos outros módulos foi diferente, já tínhamos acostumado a vim para o curso. Mas mesmo com as dificuldades estarei me formando no ano de 2017. Já estou preocupada, pois, sei que sentirei muita falta da faculdade, dos colegas e professores, levarei comigo uma bagagem de conhecimentos e práticas, trocas de experiências, e sempre estarei passando para frente o que aprendi.

Elisandra Fernandes Pimenta:

Nasci no dia 11 de janeiro de 1994. Tenho 23 anos, sou casada com Manoel Antônio de Oliveira Silva, e temos um filho: Emanuel Fernandes de Oliveira. Comecei os meus estudos com 6 anos de idade na primeira série (2º ano do ensino fundamental) na escola Estadual Indígena Xukurank. Como era meu primeiro ano de estudo tudo era novidade para mim. Com muito incentivo de meus pais e irmãos me davam forças para que eu pudesse avançar cada vez mais. Em dezembro de 2007 foi a minha formatura da oitava série, (9º ano do ensino fundamental), foi uma alegria imensa, pois faltava somente mais três anos para finalizar a primeira parte de meus estudos. No próximo ano estudei no primeiro ano do ensino médio, gostei muito, porque era no período noturno e isso facilitava o meu trabalho de casa. Tive algumas dificuldades, com matérias que eu ainda não tinha estudado como: Inglês, Física e química. Essas matérias aqui na nossa reserva só estuda no ensino médio. Em dezembro de 2010 eu formei o ensino médio, foi uma grande festa e eu comemorei bastante, porque eu já tinha uma noção do eu queria para mim, se era parar por aí ou avançar mais nos estudos. No ano de 2013 surgiu uma vaga de serviço de professor na escola, em minha aldeia, como tinha muita gente concorrendo à vaga, a liderança decidiu que fizesse a escolha

por eleição, na qual eu fui eleita, para trabalhar como professora. Nesse mesmo ano prestei o vestibular da UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais, e graças a Deus eu consegui passar. Só tenho que agradecer a Deus, porque esse ano aconteceu muitas coisas boas, e hoje estou aqui com a expectativa de sair formada.

Genivaldo Fernandes Ribeiro:

Tenho 28 anos, nasci no dia 20 de março de 1989, moro na aldeia Barreiro Preto, na Terra Indígena Xakriabá, localizado no norte de Minas Gerais, no município de São João das Missões, sou casado e tenho um filho.

Antigamente tudo era muito difícil, foi uma grande luta para conseguir me formar, meus pais não tinham nenhuma renda, foi muito difícil para mim, pois perdi minha mãe com nove anos de idade e tive a ajuda apenas das minhas irmãs mais velhas e do meu pai.

Comecei a estudar com 06 anos de idade, aqui mesmo na aldeia com professores não indígenas. Apartir da terceira serie comecei a estudar com professores indígenas aqui mesmo da minha comunidade, em 2004 fiquei sem estudar, pois não tinha ensino médio dentro da aldeia. No ano de 2005 fui estudar em São João das Missões, não tínhamos transporte para ir e voltar todos os dias, então teve que morar lá mesmo, e vinha aos finais de semanas, morei em uma casa alugada pela prefeitura. Em 2007 fui trabalhar no estado de SP e terminei o ensino médio. Somente voltei na minha terra no final do ano; no início do ano de 2008 fui trabalhar no estado de Mato Grosso do Sul e só voltei no final do ano, no mês de dezembro.

Em Setembro de 2009, surgiu a oportunidade de eu participar de um processo seletivo para professores dentro da aldeia, fiz uma prova elaborada pelos próprios membros da comunidade e fui selecionado. Em 2010 comecei a trabalhar como professor na minha aldeia mesmo foi muito bom pra mim, pois não precisei mais trabalhar fora e pude

dar mais atenção para minha família. Foi nessa oportunidade que passei a aprimorar mais os meus conhecimentos e passei a ensinar e aprender com meus alunos foi onde comecei a crescer profissionalmente hoje em dia ainda dou aula dentro da minha comunidade.

Em 2013 comecei a fazer o curso formação Intercultural para Educadores Indígenas na área de Ciências Sociais e Humanidades, foi outra conquista que consegui. Foi e está sendo muito bom, pois, está a me ajudando muito no meu trabalho e aumentando meus conhecimentos. Finalizarei este curso em setembro de 2017; O curso é realizado em Belo Horizonte e é modular, vou apenas duas vezes ao ano, e tem os Inter módulos dentro da aldeia.

Esse trabalho foi elaborado como requisito para conclusão do curso de ciências sociais e humanidades, e tem como tema AS ABELHAS NA CULTURA XAKRIABA.

O conhecimento sobre abelhas e mel é bastante extenso e antigo, não apenas entre nós, Xakriabás, mas para os povos indígenas do Brasil em geral. Antes da chegada da abelha *oropa*,¹ nós indígenas conhecíamos apenas as abelhas sem ferrão, abelhas brasileiras que os cientistas chamam de *meliponina*². A abelha *oropa*, que chegou depois, hoje já está incorporada à cultura Xakriabá, e de seu mel também fazemos alimento e remédios.

¹ Esse é o nome que nós Xakriabás damos para a abelha *Apis Mellifera*, popularmente conhecida como abelha européia, italiana ou africana. Para nós elas se chamam “oropa”.

² O gênero *meliponina*, segundo Siveira (2002: 79), “reúne as chamadas ‘abelhas indígenas sem ferrão’, entre elas a jataí, a mandaçaia e a irapuá. Esta subtribo é representada por várias centenas de espécies em todas as regiões tropicais do mundo, bem como nas regiões subtropicais do hemisfério sul. São abelhas minúsculas a médias, em geral robustas. Todas as suas espécies são eussociais, embora algumas delas vivam de alimento roubado a colônias de outras espécies. Seus ninhos são, em geral, construídos em cavidades pré-existentes (occos de árvores, ninhos abandonados de cupins e formigas etc.), mas algumas espécies constroem ninhos expostos. É seguida aqui a classificação de Moure e Camargo, apresentada por exemplo em Moure (1951, 1961) e Camargo & Pedro (1992), em que táxons menores são reconhecidos como gêneros. A única exceção é o grupo contendo

Sobre a antiguidade do nosso conhecimento indígena sobre abelhas, lemos em Villas-Boas (2012:13) que:

Há muito tempo, povos indígenas de diversos territórios se relacionam com os meliponíneos de muitas formas, seja estudando-os, criando-os de forma rústica [...] Antes da chegada da abelha *Apis mellifera* no continente americano, ou da exploração da cana para fabricação de açúcar, o mel das abelhas nativas caracterizava-se como principal adoçante natural, fonte de energia indispensável em longas caçadas e caminhadas que esses povos realizavam na busca por alimento.

Mais adiante, o autor complementa:

Muito do conhecimento tradicional acumulado pela população nativa foi gradativamente assimilado pelas diferentes sociedades pós-colonização, tornando a domesticação das abelhas sem ferrão uma tradição popular que se difundiu principalmente nas regiões norte e nordeste do Brasil. A herança indígena presente na atual lida com as abelhas é evidenciada pelos nomes populares de muitas espécies, como Jataí, Uruçu, Tiúba, Mombuca, Irapuá, Tataira, Jandaíra, Guarupu, Manduri e tantas outras.

Apesar da grande importância e antiguidade desse conhecimento tradicional, percebemos que a cada dia ele está ficando adormecido. Muitos de nós mais jovens só sabemos da existência de algumas abelhas, através de conversas com os mais velhos, pois algumas espécies já não existem mais em nossa região.

Devido muito desmatamento, e queimadas, as abelhas vão procurando outro lugar onde sintam protegidas. Está ficando cada vez mais escasso esse tipo de abelha que é a oropa, jataí, tataira, e acumpinheira, que são as abelhas que mais utilizamos o mel e a cera para fazer remédios.

Nós pesquisadores, quando criança, já fomos curados de tosse, ronquidão e bronquite, com o mel produzido por essas abelhas. Segundo nossos pais, primeira coisa que eles faziam quando tinha alguém que estava com algumas dessas doenças, era “furar uma abelha” (que é como nós chamamos o processo de retirada do mel) e pegar o mel para fazer um xarope, e assim nos curava com o mel dessas abelhas. Por isso é um tema muito importante para nós Xakriabás.

Essa pesquisa está sendo desenvolvida através de entrevista com nossos mais velhos, buscando mais conhecimentos sobre essas abelhas, e com a observação daqueles que ainda

Trigonisca e formas relacionadas. Classificações alternativas têm sido propostas por outros autores, como por exemplo Michener (1990, 2000), em que são reconhecidos gêneros maiores contendo vários subgêneros.”

tem essa prática. Por esse motivo escolhemos as abelhas como tema de percurso para pesquisar e registrar com os mais velhos as abelhas que eles conhecem as que existem e as que estão extintas.

Os entrevistados foram: Sr. Valdomiro Fernandes Pimenta de 63 anos, nascido em 1954, Sr. Osvaldo Fernandes Ribeiro de 67 anos, nascido em 1950, e Sr. João Gonzaga da Mota, nascido em 1977, de 40 anos. José Correia Franco, nascido em 1969, de 48 anos, João Correia Franco, nascido em 1940, de 77 anos e Angélica Fernandes Oliveira, nascida em 1954, de 63 anos.

Todos os entrevistados são pessoas que desde que nasceram sempre viveram dentro da comunidade. Os Srs. Valdomiro, Osvaldo, José, João Correia, colhem o mel das abelhas só quando tem alguém em casa que está muito doente. Já o Sr. João Gonzaga colhe o mel juntamente com outras pessoas da comunidade, porque fazem parte de um projeto de criatório de abelhas, esse mel é vendido para outras pessoas quando necessitam dele. Eles colhem o mel não só para o consumo, mas também para vender. Por esse motivo escolhemos as abelhas como tema de percurso para pesquisar e registrar com os mais velhos as abelhas que eles conhecem as que existem e as que estão extintas.

Vamos exercer algumas pesquisas para descobrirmos alguns aspectos sobre a diminuição das abelhas. Descobriremos também o que está causando a perda dos saberes tradicionais em relação às abelhas com nossa cultura.

Esse trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo falamos um pouco sobre o território Xakriabá, sobre a sua extensão hoje, o número de aldeias, vegetação, clima, ou seja, um apanhado mais geral. No segundo capítulo descrevemos as abelhas que apareceram na fala de nossos entrevistados, a sua morada e também as suas características. Já o terceiro, diz um pouco sobre os usos dos meles e também sobre a transmissão dos conhecimentos tradicionais.

Capítulo 1. Informações gerais sobre o povo Xakriabá

O território Xakriabá está localizado no município de São João das Missões, no norte de Minas Gerais. A Terra Indígena Xakriabá foi homologada em 1987, com 53 mil hectares, é composta por 34 aldeias e sub. aldeias totalizando aproximadamente 10 mil habitantes. O mapa abaixo mostra a localização da nossa Terra Indígena no Brasil.

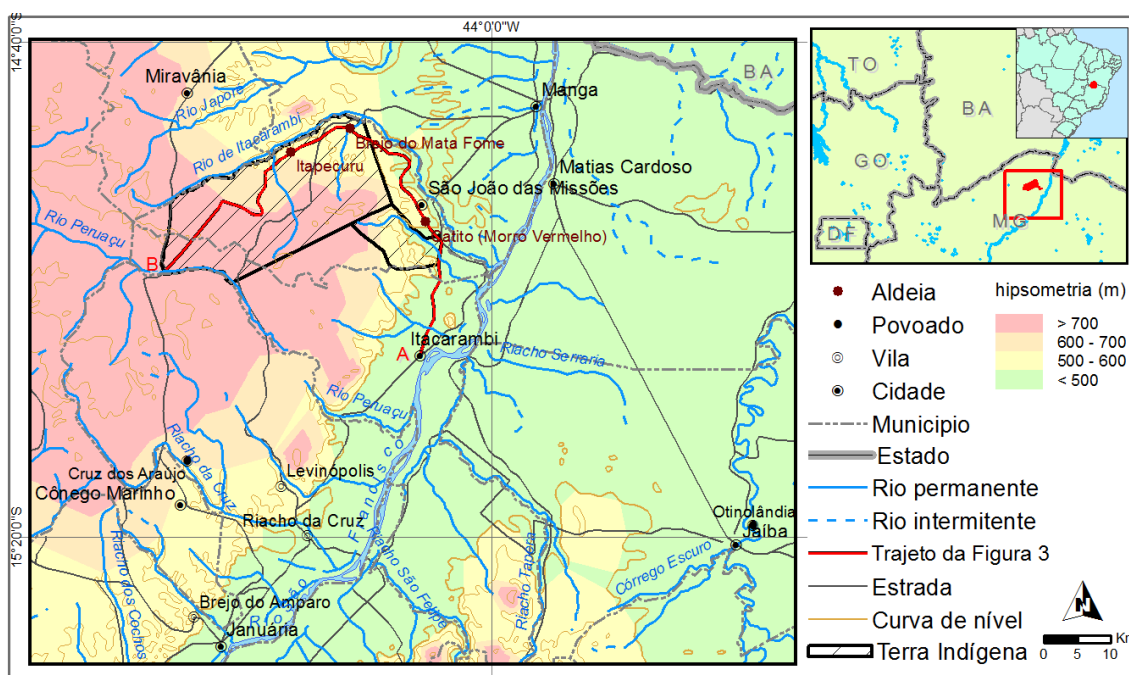


Figura 1. Localização da Terra Indígena Xakriabá. Fonte: Santos e Barbosa, 2012:77.

A vegetação predominante dentro da terra Xakriabá é o cerrado, caatinga, campo, veredas e também os gerais, com árvores predominantes como: o pau d'arco, jurema, aroeira, e também muitas árvores frutíferas que são nativas da nossa região, que é muito usadas para as coletas de frutas: pequi, a cabeça de nego, cagaita, maracujá, umbu, entre outras. Existem muitos animais como: raposa, coelho tatu, onça, cutia, veado. Alguns desses animais ainda são encontrados com frequência dentro das vegetações, já outros estão em extinção, pelo fato de acontecerem muitos desmatamentos e queimadas dentro da terra Xakriabá. O mapa abaixo mostra a distribuição da vegetação na nossa terra indígena:

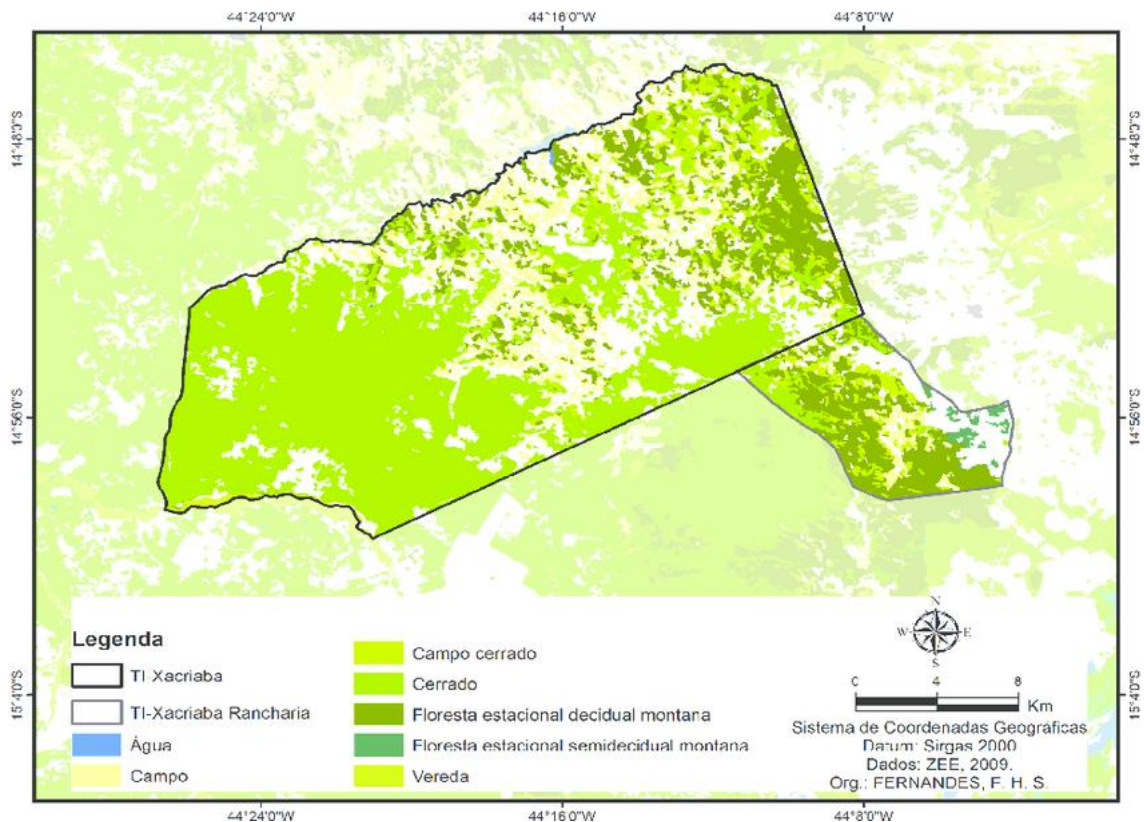


Figura 2. Tipos de vegetação existentes na TI Xakriabá e na TI Xakriabá/Rancharia. FONTE: Fernandes e Santos, 2014: 489.

A nossa aldeia Barreiro Preto está localizada no centro da Reserva Indígena Xakriabá. Nela existem aproximadamente 180 famílias, sendo alguns agricultores e pecuaristas. Nossas famílias trabalham como agricultores, nossos pais não tiveram a oportunidade de estudar, mas lutaram para que seus filhos não passassem pela mesma situação. Hoje com muito esforço de nossos pais, estamos estudando dentro de uma faculdade federal.

Elisandra e Genivaldo estamos estudando e também exercendo o trabalho na escola. Temos alguns irmãos que tem graduação em algumas áreas, muitos formaram nessa mesma universidade, nesse mesmo curso de formação intercultural para educadores indígenas. Eu Aline sou a primeira de minha família a estar estudando em uma faculdade, não trabalho na escola, pois quando aparece uma vaga de emprego são muitos candidatos, segundo a liderança tem que priorizar as não tem nenhuma renda na família.

Muitas pessoas que tem estudo trabalham na escola como professores, outras pessoas em cargos de acordo com o nível de escolaridade. A pessoa é escolhida pela liderança e comunidade. A escola é um meio mais oportuno de ser empregado. Muitos jovens vão

trabalhar em outro estado, em corte de cana ou em pastelaria, porque não tem a oportunidade de arrumar um serviço dentro de sua aldeia, por não completar os estudos, pois, a escola tem um limite de vagas de serviço por ano, e muitas vagas de serviço exigem o ensino médio completo, ou estudo superior. Muitos deles também prestaram vestibular para curso de professores, outros em outras áreas como: odontologia, enfermagem, agronomia e assistente social, entre outros. Alguns já até formaram e está começando a exercer o seu trabalho dentro da comunidade. Hoje já temos escola dentro da nossa aldeia, a Escola Estadual Indígena Xukurank, com aproximadamente 250 alunos, com aproximadamente 80 funcionários, entre diretores, professores, secretários e serviços. Esses funcionários são pessoas que tem estudo e mora na própria comunidade, muitos deles têm curso superior e exerce na área em que trabalha, e outros no momento só têm o ensino médio e o magistério indígena, mas está tentando o vestibular. A escola trabalha da série educação infantil ao ensino médio.

Dentro da aldeia, sempre há movimentos na parte cultural como: rezas em dias santos, noites culturais, entre outros. A escola se reúne junto com a comunidade em um dia na semana por mês na cabana de ritos dentro de nossa aldeia, para assim praticar a nossa cultura, cantamos músicas, pulamos batuque, fazemos brincadeiras com crianças, entre outros. Também quando chega o final de semana muitas pessoas se reúne para assistir jogos de futebol masculino e feminino.

Segundo informações do site do Instituto Socioambiental, havia, no período pré-colonial, possivelmente outros povos na região de São João das missões, as margens do rio São Francisco, onde nós Xakriabá estamos localizados hoje.

Naquela época nosso povo não tinha território definido ocupava outras regiões como: O vale de Tocantins, Goiás e margens do rio São Francisco. A terra Indígena foi “doada” por Januário Cardoso de Almeida, filho de Mathias Cardoso. Escrevemos “doada” porque na verdade trata-se de uma pequena parcela do território que nos foi tomado pelos colonizadores. Ou seja, essa terra foi doada para os índios na intenção que eles ficassem trabalhando para ele. Então os Xakriabas foram e registraram essa terra em dois cartórios, o de Januária e o de Ouro Preto.

Nos anos de 1850 foi criada a lei das terras, então a terra Xakriabá se tornou devoluta. Então no ano de 1940 criou-se uma nova lei, em que os proprietários precisavam ter registro da compra das terras, mas os Xakriabás não tinham esse documento porque a terra doada e o

registro havia se perdido. Após tudo isso os Xakriabás se organizaram para terem suas terras reconhecidas. Alguns líderes, como: Rosalino e Rodrigo e outros, viajaram para o Rio de Janeiro a procura de apoio e informações que nós pudéssemos defender, denunciando as invasões que estava acontecendo no território Xakriabá. Só em 1987 nove anos depois que começou o processo de demarcação do território, depois de termos perdidos três lideranças indígenas que foram brutalmente assassinados, comandado por grileiros e fazendeiros, entre eles a grande liderança Rosalino.

Então só depois que perdemos essas lideranças que foi demarcada a nossa terra, mas TI. Rancharia ficou de fora. Só no ano de 2000 que conseguimos demarcar com grandes esforços e luta das lideranças e dos mais velhos. Hoje o nosso território ainda não foi todo demarcado, ainda temos uma grande parte nas mãos dos não índios.

Na Terra Indígena Xakriabá há dois climas predominantes: o tempo da seca e o tempo das águas (tempo da chuva). Antes o clima era marcado por seis meses: A seca que começava no mês de Maio e terminava em Setembro. O tempo das águas começava em Outubro e terminava em Abril. No período da seca, nós indígenas preparávamos as roças, e no período das águas era o tempo de plantar e colher. Tanto que muito de nós indígenas faziam duas safras durante o período das chuvas. Hoje em dia mudou muito, pois o período da seca está mais longo e o período da chuva mais pouco. Então nós Xakriabá não estamos fazendo mais uma boa colheita, plantamos apenas uma vez no ano, e ainda, na maioria das vezes, perdemos a safra.

Com essa falta de chuva ficou difícil o sustento das famílias principalmente aquelas que não têm nenhum salário, tendo somente a renda de programas de governo, como a Bolsa Família que é um recurso que está ajudando muitas dessas famílias.

Segundo as entrevistas com nossos mais velhos, havia uma grande ciência na observação das abelhas. A posição do sol, em relação à entrada das colmeias, era vista como um sinal de que ano seria bom de chuva ou não. Eles também calculavam o período certo para o plantio levando em consideração o aparecimento de colmeias de abelhas que hoje já não existem mais na nossa terra. A mudança do clima levou muita dessas abelhas a desaparecerem ou a se mudarem para outros lugares fora de nossa terra, de modo que nosso povo já não está mais conseguindo ter essa visão de que: o ano vai ser bom de chuva ou não. Mesmo assim,

muitos ainda têm a esperança, e no tempo das águas plantam suas roças, com a esperança de que vai chover, e acaba perdendo toda sua plantação.

Diversas reportagens mostram que o desaparecimento das abelhas não é um problema só na TI Xakriabá. Segundo reportagem de Carolina Cunha, nos últimos anos o desaparecimento e a morte massiva das abelhas estão sendo um problema que preocupa países de todo o mundo. Um quarto das mais de 20 mil espécies de abelhas catalogadas já está em extinção. Segundo a reportagem:

O uso de agrotóxicos nas lavouras também é uma ameaça que enfraquece as colônias. A aplicação de químicos pela Técnica de pulverização aérea. Por exemplo, atinge a fauna e flora local. O desmatamento de áreas naturais próximas as lavouras e a falta de vegetação nativa também alteram o equilíbrio preexistente, as abelhas precisam de uma alimentação variada para sobreviver e constroem ninhos em árvores ou no solo. A perda do habitat impacta diretamente a sobrevivência das espécies³.

Segundo a mesma reportagem,

abelhas são fundamentais para manter a alta produção e a qualidade de flores e frutos. Alimentos como maçã, melão, café, maracujá, laranja, soja, algodão, caju, uva, limão, cenoura, amêndoas, castanha-do-pará, entre outras dependem do trabalho delas. Os serviços de polinização prestados por esses insetos são avaliados pela FAO em US\$ 54 bilhões por ano.

Por isso tudo, acreditamos que nosso trabalho pode servir de contribuição para manter e também estimular o conhecimento existente na cultura Xakriabá sobre abelhas, cera e meles.

³<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/desaparecimento-de-abelhas-fenomeno-ameaca-seguranca-alimentar.htm>

Para encerrar essa introdução, iremos contar um pouco da luta de nosso povo em forma de verso, que é uma forma tradicional de expressão do povo Xakriabá.

1.

*Há vários anos atrás
Já existiam fazendeiros
Expulsavam os índios da terra
E se faziam posseiros
Pois índio não tinha valor
Porque não tinham dinheiro.*

2.

*A nação xakriaba
Era sempre ameaçada
Sendo obrigada a deixar
A sua própria morada
Que os fazendeiros obrigavam
Sair sem direito a nada.*

3.

*O cacique Rodrigoão
Foi o primeiro a lutar
Para defender a terra
Dos índios Xakriabá
Pois o índio tem que ter
o seu lugar para morar.*

4.

*Depois de Rodrigoão
Veio também Rosalino
Que commuita garra e força
Lutou contra os assassinos
Pois um dia queria ver
Todo seu povo sorrindo.*

5.

*Rosalino como cacique
Recebeu autoridade
Uniu com todos os índios
Da sua comunidade
Para retomar a terra
Que é a nossa felicidade.*

6.

*Sou filho de Rosalino
E testifico a você
Que o meu pai nos dizia
Que um dia iria morrer
Mas ia deixar livre a terra
Para o seu povo viver.*

7.

*No ano de 86
Não suportávamos mais
Pois éramos agredidos
Até por policiais
Porém não desanimamos
Ai que lutamos mais.*

8.

*Foi quando os fazendeiros
Tomaram uma decisão
Se matarmos Rosalino
Tomaremos conta do chão
Mas ouve completo engano
A terra ficou em nossas mãos.*

9.

*O meu nome e domingos
Filho de Rosalino
Quando aconteceu a tragédia
Eu era ainda menino
Presenciei a morte do meu pai
Cometida pelos assassinos.*

10.

*Os assassinos que eu falo
É bando de pistoleiros
Eram 16 pessoas
Do primeiro ao derradeiro
Muito não foi por querer
Mas por força do dinheiro.*

11.

*Irei relatar para você
Tudo que aconteceu
Pois eu sou um daqueles
Que lá sobreviveu
Não porque eles quiseram
Mas foi por força de deus.*

12.

*Nos anos de 87
Dia 12 de fevereiro
Ali chegou seu amaro
Junto com seus pistoleiros
Quebraram todas as portas
E fazendo um tiroteio.*

13.

*E muito triste essa historia
Mas não consigo esquecer
Sabe o que é você deitar
Depois não amanhecer
Com seu querido papai
Que tanto amou você.*

14.

*Já eram umas duas horas
Ao romper da madrugada
Chegaram aquele povo
Sem ter pena de nada
Fez um grande tiroteio
Até minha mãe foi baleada.*

15.

*A mãe que eu falo e a Anízia
Esposa de Rosalino
Que quando saiu foi detida
Pelos malditos assassinos
Que enquanto ela chorava
Eles estavam sorrindo.*

16.

*O meu pai desesperado
Na porta ele apontou
Foi quando foi baleado
Eu não sei quem o matou*

*Só sei que naquele momento
O meu coração cortou.*

17.

*Com a morte do meu pai
Eu fiquei desesperado
Mas não podia correr
Por que estava cercado
Por aqueles pistoleiros
Que estavam todos armados.*

18.

*Mas nosso deus e tão justo
E sempre nos amou
No meio do tiroteio
Acertaram Agenor
Era um dos pistoleiros
Que morto ali mesmo ficou.*

19.

*Naquele mesmo momento
O pistoleiro parou
Para ver o que aconteceu
Com seu amigo Agenor
Foi quando sai correndo
E foi avisar o meu avô.*

20.

*Quando eles perceberam
Que alguém tinha fugido
Deram-me vários tiros
Que balas zuaram no meu ouvido
Porém não me acertaram
Pois deus estava comigo.*

21.

*Esta história que ficou
Mais ou menos na metade
Mas tudo que está escrito
E tudo realidade
Mataram meu pai
Sem haver necessidade.*

22.

A história e muito grande

*Da para você perceber
Porém o tempo não deu
Para eu pensar e escrever
Mas no próximo livro
Contarei tudo a você.*

23.

*A pesar do que aconteceu
Não perdi minha esperança
Agora já estou casado
Tenho esposa e duas crianças
Para quando eu também morrer
Eles ficar na lembrança.*

24.

*Aos professores indígenas
Aqui de Minas Gerais
Vão firme para o futuro*

*E não olhem para traz
Tentem restaurar para nós
As tradições de nossos pais.*

25.

*Agradeço ao meu irmão José
Por ter me ajudado
Colocando a minha historia
No seu livro publicado
E a todos os leitores
Deixo o meu muito obrigado.*

*“O Tempo Passa e a História Fica”,
NUNES DE OLIVEIRA, Domingos, 1997,
pp. 20-24.*

Capítulo 2. As abelhas descritas

Esse capítulo foi feito através de entrevistas com os mais velhos, e com a nossa participação e observação ao longo de caminhadas com os conhecedores de abelhas, nas quais alguns tipos de mel foram retirados ou, nos nossos dizeres, “furados” (ver mais abaixo, pág.30).

Esses conhecedores apresentam uma grande ciência sobre as abelhas. Um de nossos entrevistados, o Sr. Osvaldo Fernandes Ribeiro, por exemplo, nos conta que:

Eu conheço muitas abelhas, vários tipos de abelhas. Mas só que tinham muitas, já veio a intenção [extinção] Porque hoje já não tem delas aqui. Antes tinha mandaçaia que é um a abelha muito conhecida, dá bastante mel, depois chegou a oropa, nos tempo que apareceu porque ela não tinha, ela veio de fora, e ela tomou conta daqui mais hoje a mais inssaiada [grande quantidade]é a oropa, que dá mais mel e a mandaçaia acabou... Tem hoje mais outras abelhas, tem a tubina, abelha preta, ela faz casa em pau, a porta de cera , também tem a muduri, que faz a portinha de barro, agora as outras abelhas tudo faz a porta de cera. Tem outra abelha a pretinha que é a aratim, essa dá muita cera,mas ela presta mais é pra roubar mel de outras abelha, a tataíra também tem esse costume , ela é parecida com jataí, só que ela é um a abelha meia braba, a pessoa pra mexer com ela , ela rota na gente chega queima a pele, mais ela é uma abelha que tem bastante. Uma abelha que tem o mele melhor é o jataí...

Nesse capítulo, vamos apresentar as descrições das abelhas citadas por nossos entrevistados. Depois disso, vamos detalhar os usos das abelhas “principais”, isto é, as abelhas mais utilizadas por nós Xakriabás. Além disso, vamos mostrar algumas fotos que conseguimos.

Nossos entrevistados identificaram as abelhas pelas cores, tamanho e seu habitat. As abelhas citadas foram: Jataí, Mandaçaia, Oropa (europa), Tubina, Munduri, Aratim, Tataíra,Marimbondo,Vamos-Embora, Cupinheira, Abelha Mosquito, Chupé, Borá, Marmelada, Boca de Sapo, Arapuá, Sanharó,e Tintinão.

Vamos descrever cada uma delas com mais detalhe.

* JATAÍ: Abelha pequena de cor amarelada faz sua colmeia em árvores, no chão e em pedra de morro,e também dentro da residência dos seres humanos, etc. Ela é uma abelha mansa que

produz cera, sambora e mel, tudo em pouca quantidade. A entrada da colmeia é feita de cera de cor amarela. Esta abelha produz de meio litro a um litro de mel.



Figura 3. Casa de jataí em árvores.



Figura 4. Casa de jataí em pedra.

* OROPA (europa): Abelha grande e grossa de cor amarela escuro. É uma abelha muito agressiva, que faz sua colmeia em árvores, no chão e em pedras de morro. Não produz sambora, só apenas mel, o mel é produzido em capas de cor branca. Esta abelha produz o mel em grande quantidade.



Figura 5. Oropa em árvore

* TATAÍRA: Abelha pequena, de cor amarelada, faz colméia em árvores altas. São abelhas muito bravas, e produzem cera, muita sambora e mel.



Figura 6. Tataíra em árvore.

* MARIMBONDO: É uma abelha que existe de vários tipos.

O maribondo preto chamado de inchú faz casas em árvores, também dentro das casas de pessoas, é uma abelha muito brava, e produz pouco mel.

O maribondo amarelo chamado de “marimbonde de carne” faz casas em árvores de espinhos e também em residências, é abelha muito brava. Segundo os mais velhos esse nome é devido à abelha gostar de ficar assentados em carne expostas ao sol.

O maribondo soldadinho: É uma abelha de cor preta, faz casas em galhos de árvores e é muito agressivo, produz pouca quantidade de mel.



Figura 7. Abelha maribondo soldadinho.

Marimbondo “chamado de caçador” é uma abelha grande, de cor preta, faz casa de barro dentro das casas dos seres humanos, ele uma abelha que não produz mel. De acordo com as entrevistas esse nome é devido à abelha gostar de caçar seu próprio alimento.



Figura 8. Marimbondo Caçador.



Figura 9. Casa de Marimbondo Caçador

Existem vários tipos de marimbondo, mas os que mais os entrevistados falaram foram esses que citamos acima que são os que mais existem.

* MANDAÇAIA: É uma abelha média e grossa, de cor escura, e parte traseira listrada. É uma abelha mansa, que faz a colmeia em galhas de arvores altas. A porta da entrada da colmeia é

feita de barro. Ela produz cera, sambora (pólen) e mel, o mel em pouca quantidade, de 1 a 2 litros. Não conseguimos fotografar essa abelha.

* TUBINA: É uma abelha média e grossa, de cor preta. Faz a colmeia em árvores com a porta da entrada de cera de cor cinza escura. Produz cera, sambora e mel, tudo em pouca quantidade.



Figura 10. Abelha Tubina em árvore.

* MUNDURÍ: Uma abelha pequena, de cor cinza escura e listrada. É abelha mansa, faz sua colmeia em árvores com a porta da entrada feita de barro. Produz em pouca quantidade, a sambora.⁴ e o mel. Não conseguimos fotografar essa abelha.

* ARATIM: Abelha pequena e lisa, de cor preta luminosa. Faz à colmeia em árvores, ela faz muita porta para entrar na colmeia, e as portas são feitas de cera. Abelha que produz pouco mel e muita cera. É uma abelha que gosta de tomar as colmeias de outras abelhas.

⁴ É o pólen produzido pelas abelhas, encontrados dentro das colméias



Figura 11. Abelha aratim no chão.



Figura 12. Abelha Aratim em pedra.

*VAMOS-EMBORA: Abelha de tamanho médio, de cor preta. Abelha mansa, que faz a colmeia no chão. Para fazer a porta da colmeia, ela pega ciscos de árvores e coloca em volta da porta de entrada. A porta é feita de cera. Esta abelha produz cera, sambora e mel.



Figura 13. Abelha Vamos-Embora.

* CUPINHEIRA: Abelha pequena, de cor escura, abelha mansa, que faz a colméia em cupins. Produz pouca quantidade de sambora e mel. A cera da colméia é de cor vermelha, que era muito utilizado em pinturas de cordões de bodoque, arco e flecha, etc.



Figura 14. Abelha cupinheira em cupins.

* ABELHA MOSQUITO: A menor abelha que conhecemos, ela é de cor escura, e existem elas de duas qualidades: uma que faz a colméia em árvores, e outra que faz colméia no chão. Ambas são abelhas mansas, que produz cera, sambora e mel. Não conseguimos fotografar essa abelha.

* CHUPÉ: É uma abelha de tamanho médio e de cor preta, a sua colmeia é parecida com uma casa de cupim, pregadas nos troncos de árvores altas, ou em pedras de morro. Ela é abelha brava, que produz cera, sambora e mel.



Figura 15. Abelha Chupé em árvore.

* BOCA-DE-SAPO: Abelha média de cor preta faz as colmeias no chão, produz cera e mel em grande quantidade. O mel que ela produz é impróprio para o consumo humano; a entrada da colmeia é bem larga e feita de cera e ciscos, e não são abelhas bravas.



Figura 16. Abelha Boca de Sapo no chão.

* ARAPUÁ: É abelha média e de cor preta, existe de duas espécies o da mata, e o dos gerais, o da mata produz a sua colmeia parecida como uma casa de cupins é arredondada de cor preta pregados nos galhos das árvores; a arapuá dos gerais a sua colmeia é de formato mais cumprido e de cor amarelada. Ambos produzem cera e mel, mas a arapuá da mata produz em menor quantidade e com sabor inferior do que o mel da arapuá dos gerais todas duas abelhas são muito agressivas.



Figura 17. Abelha Arapuá em árvore.

* SANHARÓ: Abelha média e de cor preta, fazem suas colmeias em ocos de árvores, a entrada da colmeia é larga e feita de cera de cor preta, dentro das colmeias produzem cera e mel e são abelhas muito agressivas.

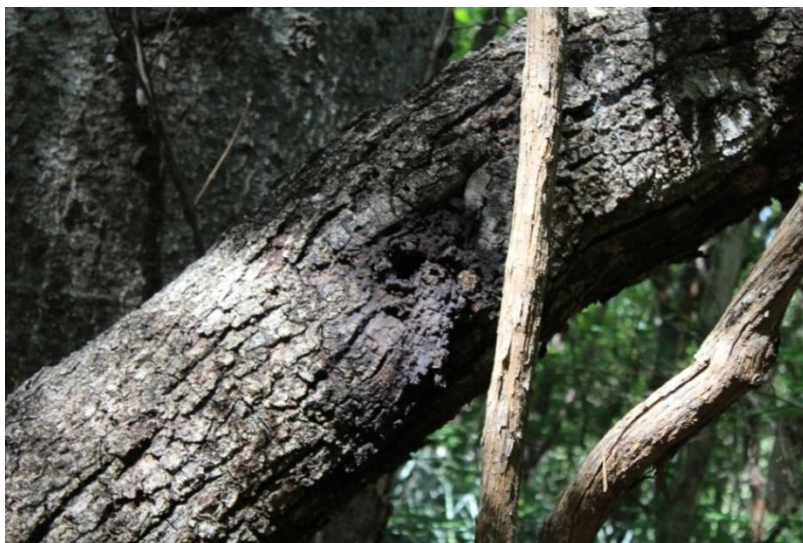


Figura 18. Abelha Sanharó em árvore.

* BORÁ: Abelha média, de cor amarela, ela é parecida com a abelha jataí, porém ela é de tamanho maior. Faz a colméia em ocos de árvores localizada nos galhos ou troncos de árvores bem altas. Produz cera e mel. A sua cera é de cor amarelo escuro. A abelha borá existe duas espécies: o manso e o bravo. Ambos possuem a mesma característica. Não conseguimos fotografar essa abelha.

* MARMELADA: É uma abelha média, e existe de duas espécies: uma de cor preta com ponta das asas de cor branca, e a outra de cor clara amarelada com as pontas das asas brancas. Ambas as abelhas fazem suas colméias em ocos de arvores, e são todas mansas e produzem cera e mel. Porém as abelhas de cor preta produzem o mel em menos quantidades. As ceras das colméias de cada uma dessas abelhas são de cores diferentes: as abelhas pretas produzem a cera escura, as abelhas de cor clara amarelada produzem as ceras de cor amarela quase branca. Não conseguimos fotografar essa abelha.

* TINTINÃO: É abelha grande de cor amarelo escura, uma abelha parecida com a abelha mandaçaia, o tintinão faz a sua colméia no chão, a entrada para a colméia é feita de barro, é uma abelha mansa que produz cera e mel. Não conseguimos fotografar essa abelha.

Grande parte dessas abelhas nós, os autores, não conhecíamos. Muitas delas só ouvíamos falar o nome.

É interessante perceber que os critérios que nossos mais velhos utilizam para identificar as abelhas é bastante parecidos com o modo que os cientistas não indígenas usam para classificar as mesmas. Lemos alguns textos de cientistas especializados em abelhas, e percebemos que a quantidade de cera e mel, o formato e local da colmeia, entre outros critérios, são também utilizados por eles, por exemplo:

Em contraste com a homogeneidade morfológica dos machos e operárias de diferentes espécies de *Partamona* (PEDRO & CAMARGO 2003), o que resulta na impraticabilidade de se reconhecer algumas delas, as estruturas de entrada variam na forma, cor, ornamentação e composição dos materiais utilizados, sendo, praticamente, peculiares a cada espécie. Há poucas delas cujo padrão deixa dúvidas quanto à identidade (PEDRO & CAMARGO, 2003: 316).

Assim, com a observação junto com os mais velhos aprendemos muito, pois com essa pesquisa podemos conhecer essas abelhas que ainda existem em nossa aldeia. Através dessa pesquisa adquirimos um grande conhecimento, pois temos uma grande riqueza que são esses dados pela mãe natureza. Infelizmente, toda essa riqueza está se perdendo. Conforme afirmou o Sr. Osvaldo Fernandes Ribeiro:

Nuns tempos passados, houve uma intinção [extinção] de mais de abelhas, com pelo menos de mandaçaia, porque o desmatamento foi muito, e acabou aquelas matas que tem pé de arvore mais velho então num tem onde as abelhas faz casa mais, muita hoje ainda faz casa nos lugar aonde tem morro, tem pedra, rocha...O pessoal desmatou muito e acabou, e não tem mais onde arrancha abelha, então muitas abelhas afastaram por não ter mais aonde arrancha, e hoje também cai fogo no campo, o fogo acaba também com as abelhas, arrasa tudo, então por isso é um fracasso nas abelhas

2.1. Inclusão da abelha *Oropa* dentro da terra indígena

A partir da pesquisa feita por nos estudante ao Sr. Osvaldo Fernandes Ribeiro, morador da aldeia Barreiro Preto, ele explica um pouco sobre como foi a chegada da abelha *oropa* na sua comunidade e como foi que os indígenas aprenderam a manusear essa abelha, e a utilizar o seu mel a beneficio de seu povo ajudando na alimentação e na produção de muitos remédios tradicionais, fala também como foi que ele aprendeu a furar a abelha *oropa*.

Olha a abelha *oropa* ela não tinha aqui não, ela é uma abelha que veio de fora, de outros país quando eu pequeno não tinha aqui, não ela chego aqui foi de pouco tempo pra cá, mais como ela era uma abelha muito braba o povo queimava muito ela, pra pegar o seu mel, ai que viu que ela produzia muito mel, e que si continuasse

queimado elas, elas ia acabar, ai foi aprendendo que só com a fumaça ela ficava beba e não consiga ferrear as pessoas, e não precisava matar mais elas, ai o povo foi acostumado e foi fazendo remédio com o próprio mel dela, hoje já tem muito dela aqui, já infestou o Xakriabá inteiro.

(...)

Eu mesmo aprendi a furar a abelha oropa foi olhando meu pai, depois fui aprendendo sozinho, eu mesmo já furei muito essa abelha, ela tem muito mel, só que o mel é mais diferente um pouco do mel das outras abelhas, ele é doce do mesmo jeito mais é mais grosso do que o mel do jataí e de outras abelha, mais é muito gostoso e quais todos os remédios que faz com mel de jataí podem fazer com mel de oropa também, é por isso que ela entrou também de dentro da nossa cultura, porque ela faz o mel e de flor das plantas e aqui tem muitas plantas medicinais que elas também pega igual as outras abelhas que aqui já tinha.

Portanto, vemos que a oropa já foi incorporada à cultura Xakriabá, e hoje temos diversos usos, medicinais e comerciais, do seu mel.

2.2. Os tipos de abelhas encontradas em nossa região.

Entre as abelhas que foram citadas pelos nossos anciões entrevistados, foram também ditas as que são encontradas com mais frequência em nossa região, sendo algumas delas muito utilizadas na nossa cultura por ser de fácil acesso. São elas: as abelhas Jataí, oropa, tataíra, cupinheira, boca de sapo, e arapuá.

Devido a sua morada ser em lugares de difícil acesso de desmatamento e também de queimadas, isso favorece a sua resistência. Essas abelhas ao longo do tempo foram se adaptando ao clima seco, podendo buscar sua alimentação em lugares distantes.

As abelhas jataí, oropa, tataíra e a cupinheira são as que mais utilizamos dentro da nossa cultura como meio de cura.

Essas abelhas retiram o pólen para fazer o mel durante a florada de muitas árvores como: laranjeira, assa-peixe, barriguda, são joão, pau d'arco, aroeira, Neve, nas plantações de Milho, Feijão e Girassol, entre outras.

A florada da aroeira é de agosto a setembro. A florada que chamamos de "neve" é de março a abril. Os melões dessas floradas são melhores para produção de remédios, porque essas plantas são remédios poderosos, e esse poder passa para o mel. No caso, unem os dois poderes, porque a aroeira já é um remédio, e o mel também.

As outras árvores florescem mais em outubro a janeiro, que é o tempo da chuva. Nesse tempo as abelhas produzem bastante mel, mas de outras floradas que não são tão medicinais – de feijão, milho, girassol, etc - por isso o mel retirado nesses períodos são mais utilizados para alimentação e comércio. Mas há exceções, como por exemplo, a florada da laranjeira brava, que acontece no período das chuvas mas que também é utilizado como remédio.

2.3 As técnicas de furar abelha / armazenamento do mel

***Jataí:** Escolher o tempo certo da florada (Julho ou Dezembro). Localizar a colméia da abelha, caso seja encontrado no chão, utilizar ferramentas como: enxadão e cavadeira; caso seja encontrada em árvores, utilizar ferramentas como: machado e facão.

A forma de tirar o mel do jataí que fazem casa em barrancos no chão, primeiro tem que cavar ao redor da casa, deixar limpo sem destruir a casa, e as pessoas que estiver furando tem que estar colocando o ouvido sempre perto da casa para assuntar onde está a comeia, se não estiver ouvindo nada, pode ir cavando a casa ao redor até chegar à colmeia, quando se acha a colmeia, retira toda para fora do chão, depois retira apenas o que vai utilizar, e volta colocando no mesmo buraco tudo o restante que não será utilizado. Como: os filhotes e um pouco de mel para eles se alimentarem. Depois tampar com pedaços de pedras e turrão para os jataís ficarem protegidos.

Os jataís de árvores, para retirar o mel é preciso colocar o ouvido na árvore para localizar a colmeia, depois cortar apenas um pequeno pedaço do lado da madeira e retirar a colmeia pegar apenas o necessário. Depois coloca novamente os filhotes e o resto que não for utilizar. Tampar com os mesmos pedaços da árvore, e amarrar com cipó para proteger os jataís, assim eles mesmos tampam os pequenos buracos com a sua própria cera.

O mel era colocado em cuias feitas de cabaças, devido que antigamente os mais velhos não comercializavam e também não existiam vasilhas que conservava o mel por muito tempo. Assim o mel era retirado apenas para a alimentação e para remédios caseiros.

Hoje em dia o mel é armazenado em garrafas petes, ou em outros tipos de garrafas desde que seja bem limpa, sem alguma umidade de dentro, lacrar a garrafa e manter em local arejado desse jeito o mel será conservado por mais tempo.



Figura 19. Sr. Valdomiro furando abelha Jataí no chão.

***Oropa:** localizar a colmeia, escolher o tempo certo da florada (Julho ou Dezembro), escolher um horário que seja menos ventoso “tardezinha”, dependendo do local da colmeia seja encontrada no chão ou em árvores, usar ferramentas adequadas a cada caso; enxadão, machado, cavadeira, facão. Pelo motivo dessa abelha ser muito agressiva é preciso usar também muita fumaça, para embriagar as abelhas e poder apanhar o mel.

Para retirar a colmeia da oropa que fez casa no chão, é preciso fazer um fogo pode ser com fumo e pano perto da casa da oropa, depois do fogo pegado apagar as chamas para fazer muita fumaça, depois colocar muita fumaça na boca da entrada da casa das abelhas, assim elas embriagam e não atacam quem está tirando o mel, depois disso é só cavar até chegar à colmeia assim retirando tudo que for preciso, como cera e mel.

Para retirar o mel da oropa em árvores é preciso de mais paciência como fazer muita fumaça ao redor das árvores, até penetrar dentro da casa, depois ficar batendo na árvore para as abelhas saírem de dentro para fora, assim com muita fumaça de fora as abelhas estão embriagadas e não atacam depois cortar a árvore apenas no local da colmeia e retirar o mel.

Obs: as oropas algumas vezes, muitas delas depois que o mel é retirado mudam de morada, de local, essa abelha muda muito de lugar devido ela não produzir a cera que tamparia sua casa igual às outras abelhas e por ser muito agressiva.

***Tataíra:** Encontrar a colméia da abelha, ir ao período de final de tarde, molhar um pouco de terra com água até ficar em formato de um barro colento, e tampar a entrada da colmeia com esse barro, deixando até o outro dia. No dia seguinte, pela manhã vai até o local da colmeia que as abelhas estão bêbadas devido à falta de oxigênio e com faca menos agressivas, em seguida, cortar a árvore do lado que está à colmeia e retirar todo seu mel. Por serem uma abelha muito agressiva poucas pessoas conseguem retirar seu mel.

***Cupinheira:** Localizar a casa de cupins em árvores, mexer com a árvore, até que as abelhas comecem a voar, ou ir procurar de manhã, período em que as abelhas estão voando, depois fazer um furo no cupim, e retirar todo o seu mel.

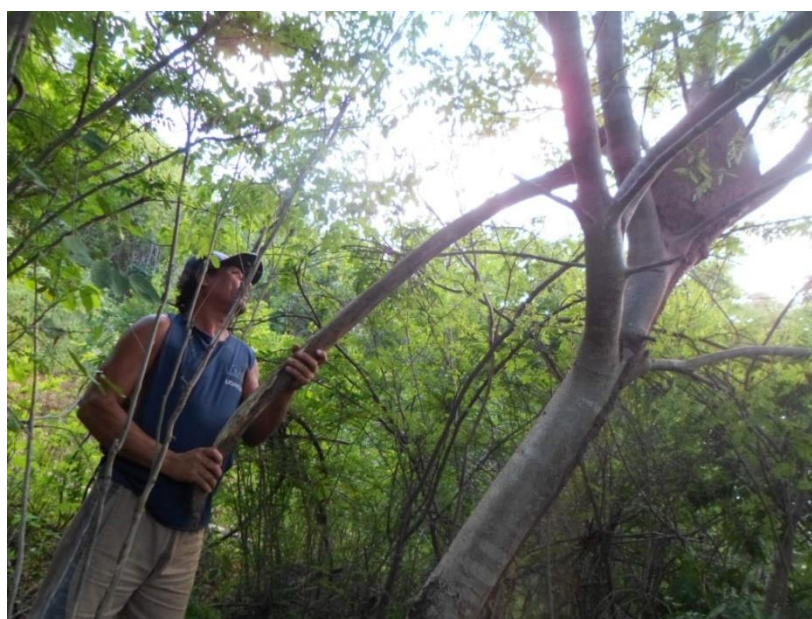


Figura 20. Sr. José Correia furando a abelha Cupinheira.

Hoje em dia em nossa comunidade já existem alguns indígenas que estão trabalhando em projetos de criar enxames abelhas, então são usadas também roupas adequadas para essa atividade.

O mel era colocado em cuias feitas de cabaças, devido que antigamente os mais velhos

nao comercializavam e também nao existiam vasilhas que conservava o mel por muito tempo. Assim o mel era retirado apenas para a alimentação e para remédios caseiros. O mel hoje e armazenado em garrafas petes, ou em outros tipos de garrafas desde que seja bem limpa, sem alguma umidade de dentro, lacrar a garrafa e manter em local arejado desse jeito o mel será conservado por mais tempo.

O mel é muito usado no Xakriabá, pois é um meio de cura para nós indígenas, junto com o mel tem também a cera que e utilizada na confecção de artesanatos.

2.4. Como abrigar as abelhas depois da retirada do mel

De acordo com a entrevista feita com Sr. Valdomiro, ele diz: ...“sempre furei abelha jataí e tataíra, não por brincadeira, mas, sim por necessidade”... Ele só fura alguma abelha quando tem alguém doente de gripe forte em casa.

Seu Valdomiro sempre que “fura” uma abelha, ele preocupa em abrigá-las novamente, ou seja, dar uma nova morada a elas. Antes mesmo de ir ao mato caçar a abelha, ele faz uma casinha, com madeira ou pedras com barro, no quintal de sua casa para colocar as abelhas que foram desabrigadas. Quando vai para o mato leva contigo uma caixa bem fechada para arrancar as abelhas, ao terminar de recolher o mel o Sr. Valdomiro vai caçar a rainha que fica muito bem protegida pelas outras abelhas, a rainha é maior e sua função é produzir os filhotes, então depois de pegar a rainha e colocar dentro da caixa, as outras abelhas acompanham pelo cheiro, e vai atrás e em seguida é colocado na casinha mais fechada só com a porta para entrada feita com um pedaço de mangueira.

O Sr. Valdomiro chama a atenção dizendo:

Seria muito importante se todas as pessoas que furasse uma abelha fossem prevenidas com uma vasilha, para recolhe todas as abelhas que tinha ali, pra fazer um criatório dela, num deixar ela desabrigada, porque num podemos usar uma coisa e deixar desvalido. É igual, por exemplo, está uma pessoa dento de barraco de lona e vem uma chuva forte e arranca a lona então o que fez? Desabrigou. A mesma coisa somos nós, desabrigar uma abelha, então acho muito importante isso.

Existem em seu quintal, muitas casinhas que estão abrigadas alguns jataís. Essas casas são feitas de pedra, barro, cimento com bloco e também de madeira. Toda vez que o Sr. Valdomiro fura um jataí ele faz uma nova morada para eles, somente para a abelha jataí por ser uma abelha mansa, as outras como: oropa e tataíra são abelhas muito bravas e dificulta toda a organização da moradia.

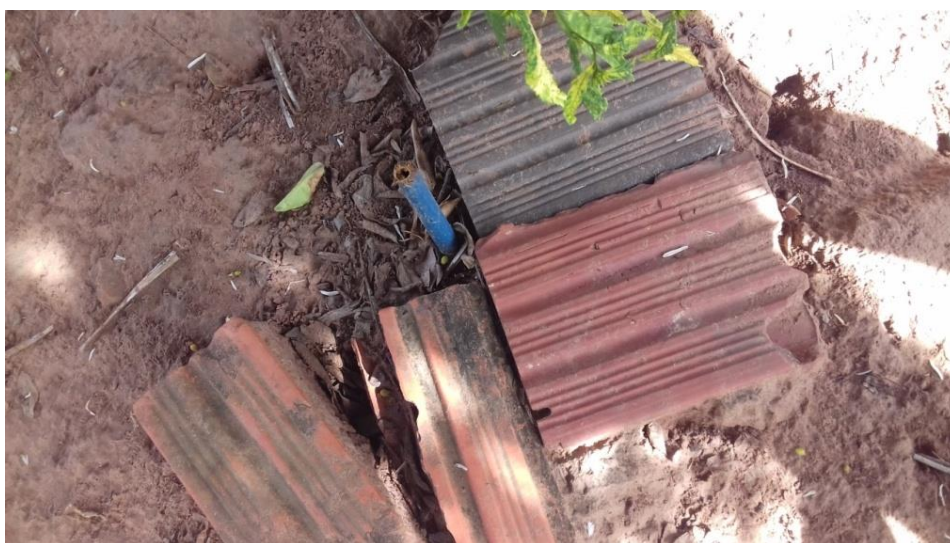




Figura 21. As três fotos retratam moradas de abelhas feitas pelo Sr. Valdomiro.

A tataira é uma abelha que produz um mel que é um grande remédio, mas para conseguir retirar esse mel é muito difícil. O Sr. Valdomiro conta uma pequena história que aconteceu com ele.

Um dia aconteceu há pouco tempo, dois ou três anos atrás, tava uma gripe forte em casa de fazer medo, era uns deitado outros com tosse, febre, encontrei uma tataira que é abelha muito brava, tirei o mel dela, ma foi difícil, fui só com a roupa do corpo, não tinha roupa adequada e ai essa tataira veio em direção a meu rosto embolou no pesco, ela não morde, mas solta um negocio tipo uma urina que queima a pele, meu rosto ficou todo empapuçado, no outro dia quase não conseguia abrir os olhos, demorou uns oito dias para murchar o inchaço e foi despelandando toda a pele. Trouxe o mel para casa, fiquei uns dias machucado mas foi bom pra quem comeu o mel, foi mesmo que tirar a doença com a mão. Minha nora tava muito ruim de tosse, quando cheguei mandei que pudesse comer o mel a vontade, porque deu muito esse dia, todos comeu pra encher e ela foi uma delas que comeu a vontade e no outro dia não tinha mais tosse, foi um grande remédio. Foi difícil, mas valeu a pena meu esforço.

2.5. Projeto de criação de abelha oropa

Na nossa aldeia tem um Sr. João Batista Gonzaga da Mota, que participou do projeto de criação de abelhas oropa. A partir disso montou seu próprio criatório. Ele colhe o mel dessas abelhas não só para o consumo mais também para o comercio, esse mel é também usado nas escolas como sobremesa depois da merenda dos alunos. Nós pesquisadores fomos até sua casa conversamos com ele e sua família que ali estava presente, abordamos o assunto de nossa pesquisa sobre o uso do mel e dos remédios tradicionais. Então ele nos levou até seu

criatório que era próximo a sua casa, com aproximadamente 300 metros de distancia, chegando lá já foi dando suas explicações sobre projeto do criatório da abelha oropa. Conforme citado abaixo:

O projeto teve inicio no ano de 2000 com o pessoal do CIMI [Conselho Missionário Indigenista], explicando o básico de como criar abelhas, com o professor Zé Coelho que deu o primeiro curso, mas o CIMI não tinha dinheiro para manter o curso, foi ai que começou a parceria com a CODEVASF [Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Rio Parnaíba] no ano de 2004. Deu inicio a capacitação com a professora Laura, o curso de uma semana, e 40 horas. Depois do curso tivemos a discussão de criar abelhas, pois usamos muito o mel na medicina tradicional para fazer os remédios caseiros, e com a criação de abelhas vai ajudar bastante. Formamos grupos para a criação das abelhas, a codevasp deu as roupas adequadas para furar abelhas e caixas para prendê-las, mas nem todos conseguiram desenvolver a experiência.

Eu, João tenho há uns oito anos que faço esse trabalho de apicultor, tiro o mel para consumo e para comercio. As abelhas são presas em uma caixa de madeira, feitas em formas de gavetas onde divide a rainha das operarias, primeiro pegamos a rainha depois as operarias vem, as caixas são tampadas para que a rainha não saia da caixa, somente as operarias podem sair, se a rainha for embora todas as outras vão também. Elas produzem o mel na florada, se a florada for boa tiramos muito mel, depois que as grades das caixas estão prontas tiramos de uma a uma e levamos para a científica, onde e feito todo o procedimento para o mel ficar pronto. De seis em seis meses tiro 180 a 200 litros de mel, nesse ano de 2016 no mês de julho, tirei 120 litros de mel, pois a florada foi pouca. Esse projeto nos ajudou muito, pois nós mesmos tiramos o mel, sem uso de outro procedimento químico, tudo natural fortalecendo ainda mais a nossa cultura, com uso dos remédios



Figura 22. Sr. João Batista retirando mel da abelha oropa na máquina científica.

Capítulo 3. Usos do mel e da cera

De acordo com nossos entrevistados, existem várias maneiras em que utilizamos o mel e a cera das abelhas, usamos para alimentação, e principalmente para remédios tradicionais. Os mais velhos dizem que o mel é uma vitamina muito forte para o corpo, mas temos que saber usá-lo, porque se por o caso tomar em grande quantidade a pessoa fica afadigado, ou seja, com ânsia e isso pode levar a morte. O mel da oropa e do jataí é muito gostoso, por isso quando tomamos um pouco sempre queremos mais é aí devemos tomar cuidado para não exagerar. Afirmam nossos mais velhos que: “remédios tradicionais temos que saber usá-los”. Esse é usado principalmente para curar doenças como afirma o Sr. Valdomiro Fernandes Pimenta:

O mel é usado pra várias coisas, o mel principalmente no conhecimento meu, do nosso lugar, o mel da oropa, é usado pra alimentação e é usado pra remédio, por exemplo: a pessoa tá com uma tosse, um a ronquidão, então ela toma o mel da oropa que é bom pra limpar o pulmão da pessoa. Caba com a tosse e ronquidão, além de acabar com a tosse arranca aquele catarro do peito, e além disso ele é uma substância, uma vitamina muito importante que dá uma grande substância no corpo, por isso combate a doença.

3.1. Utilização do mel

Abaixo vamos mostrar duas tabelas, uma mostra como utilizamos o mel de cada abelha, a outra como se utiliza a cera.



Figura 23. Favo de mel da abela jataí.

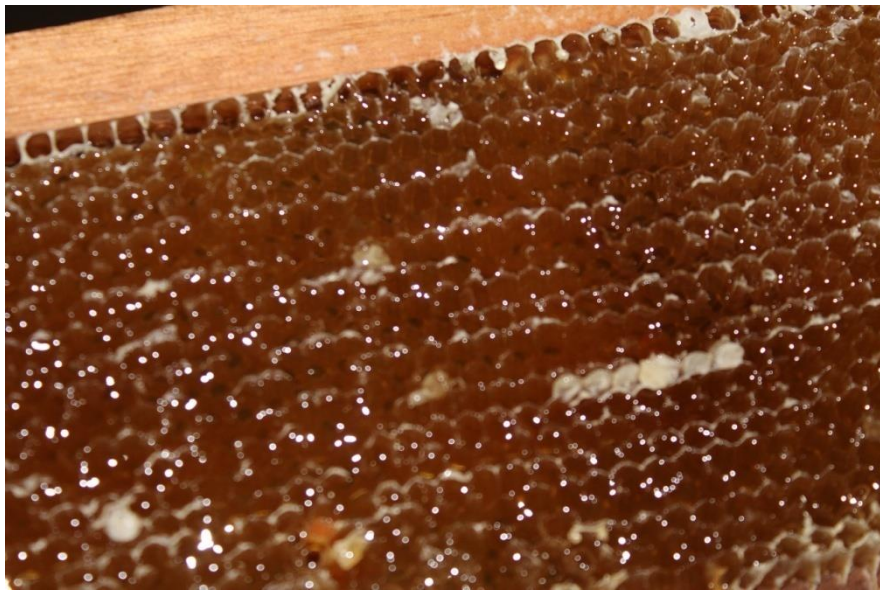


Figura 24. Favos de mel da abelha oropa.



Figura 25. Mel da abelha Cupinheira.

	Jataí	Tataíra	Oropa	Cupinheira
Alimentação	X	X	X	X
Remédio	X	X	X	X
Comercio			X	

Tabela 1. Os usos do Mel.

3.2. Utilizações das ceras



Figura 26. Cera de abelhas

A cera era usada em candeias para ter iluminação. Como antes não tinha energia elétrica em nossa aldeia, muitos acediam um fogo dentro da casa, outros faziam uma candeia de lata e dentro dela colocava um pavio feito com a cera de abelhas, assim o fogo duraria mais. Afirmo dona Angélica:

Com a cera já fiz cande aqui fala, candeia de cera. Pega a cera coloca pra ferver, depois coloca uma tira de pano em um pedaço de pau, e com cuidado vai enfiando a cera na tira de pano, e aí é só colocar em outro pedaço de pau para sustentar e vai ficar igual uma vela, e é só acender que vai iluminar, si a pessoa quiser que ela apagasse logo, tem colocar um pouquinho de areia, aí ela apaga o fogo. Eu já fiz muita candeia de cera, quando meu marido furava alguma abelha, hoje não faço mais, porque já tem energia em casa, só fazia mesmo quando não tinha como comprar vela. Também muitas pessoas usava a cera assim, quando tinha alguma pessoa que tinha alguma quebradura que fosse ao braço ou no na mão. Pegava a cera de qualquer abelha e colocava no lugar da quebradura, si fosse, por exemplo, na mão fazia o desenho da mão com cera e depois dava uma pessoa que ia para o Bom Jesus, levar aquele desenho e lá rezava colocava nos pés do Bom Jesus como si fosse a mão da pessoa, e assim com a fé curava a pessoa.



Figura 27. Pavios de cera.



Figura 28. Candeia de cera.

Segundo dona Angélica ela nunca furou nenhuma abelha, ela ficava na parte de armazenar o mel, sambora e também e de fazer os remédios. Fala também que a cera geralmente é armazenada com um formato redondo como uma bola, porque vai passando o

tempo e ela fica muito dura, se mais tarde precisar tirar um pedaço para fazer alguma coisa é preciso esquentar um pouco ao fogo que ela amolece.

Isso indica que há uma divisão dos trabalhos da abelha por sexo, ficando para os homens a tarefa de tirar o mel e para as mulheres de tratar o mel.

Muitos de nossos mais velhos ainda usam essa candeia de cera, quando falta energia em nossa aldeia. Eles já deixam a candeia bem guardada para que na hora da precisão achem com facilidade. Segundo eles: “Utilizamos a cera da abelha tataíra pra livramos do mal: mal olhado, inveja, cobiça, perseguição, entre outros...”

	Jataí	Tataíra	Oropa	Cupinheira
Artesanato	X	X	X	X
Simpatia				X
Remédio				X

Tabela 2. Usos da cera.

3.3. A diferença entre o mel das abelhas oropa, jataí, tataíra e cupinheira

De acordo com as nossas entrevistas, há uma grande diferença entre o mel dessas abelhas. A oropa produz um mel bem grosso, dependendo da época encontramos em grande quantidade, existem algumas que produzem 15 a 20 litros de mel de acordo com o tempo e também a sua morada. Essa abelha produz pouca quantidade.

O jataí produz um mel bem mais fino do que o da oropa, a quantidade é menor, produz de meio litro a um litro de mel dependendo do tempo da retirada, em compensação o mel é mais importante para a saúde do que das outras abelhas e bem mais saboroso.

A tataíra produz o mel parecido com o mel do jataí, é um mel fino e saboroso, porém produz em quantidade maior e é um mel muito bom na produção de remédios.

A cupinheira produz pouco mel, também é um mel fino e de cor avermelhada, muito usada na produção de remédios.

3.4. Remédios produzidos com os meles

Remédios para bronquite e ronquidão.

Chá de gengibre, limão e mel de abelhas.

Coloque a água para ferver, depois corte um pedaço de gengibre, o limão cortado em quatro pedaços, (em cruz) deixe ferver um pouco, tire do fogo e adocecom o mel. Pode tomar todas as manhãs até que melhore.

Açafrão com mel

Pôr a água no fogo, em seguida coloque um pouco de açafrão deixe ferver um pouco, depois e só adoçar com o mel, servir três colheres de sopa por dia durante uma semana.

Limão com alho e mel

Você vai precisar de um limão, dois dentes de alho, dois copos de água e duas colheres de mel de oropa.

Primeiro coloque a água no fogo, corte o alho em pequenos pedaços, corte o limão em quatro partes, quando a água estiver quente coloque o limão e o alho e deixe ferver por cinco minutos, em seguida tire do fogo adoce com o mel e tampe. O chá pode ser tomado quantas vezes quiserem.

Cipó da trindade com mel

Coloque a água no fogo, raspe o cipó coloque na água e deixe ferver, em seguida tire do fogo e adoce com o mel de jataí, tomar três vezes ao dia.

Para tosse: esprema o limão em um copo e misture com o mel, mexa bem e já pode servir.

Remédios feitos com mel da tataíra. Para bronquite

Ferver um pouco de hortelã, poejo e depois colocar o mel em seguida espere esfriar. Tomar quatro vezes ao dia. Comer a sambora também é muito bom para melhorar essa doença.

(Jose Correa Franco)

Remédios para problema de próstata.

Usar cipó de boi, cortar dois pedaços de cipó de boi e cortar em cruz, colocar no sol para secar deixando durante três dias pegando sol e sereno, fazer o chá colocar três colheres de mel de jataí, tomar durante 15 dias.

Outra receita:

2 raízes de urtigas.

1 Garrafa de mel de jataí.

2 Cabeças de cebola rocha.

2 Cabeças de alho roxo.

2 Limões cortados em cruz.

2 Colheres de sopa de álcool.

Raspa da raiz do jatobá da mata.

2 raízes de salsa.

Bater tudo no liquidificador e coar, tomar três colheres de sopa por dia, uma de manhã, meio dia e uma a noite, tomar durante 15 dias, conservarem o remédio em locais fresco.

3.5. Utensílios feitos com a cera das abelhas

Candeia para “iluminar os defuntos”, quando faz alguma reza no cemitério muitas pessoas colocam essas candeias nas sepulturas para que assim o lugar esteja iluminado. Esse costume é mais praticado nas noites de quinta-feira e sexta-feira santa. Também usada nas rezas de Santa Cruz, a candeia de cera é colocada aos pés da cruz, e na levantada do mastro.

Essa reza acontece na sub. aldeia Olhos D águas durante 09 dias, começando no dia 23 de abril a dia 02 de maio.

A cera também é usada para calafetar vasilhas quebradas como: baldes, bacias, caixas de água, entre outros: Cabo de faca, facão.

3.6. Simpatias com a cera

Ciência com a candeia de cera: Quando alguma criança está com vomitadeira ou dor de barriga fazer três candeias de cera acender e passar ao redor de seu corpo e o benzedor rezando “baixinho a reza”, e logo a criança melhora.

Fazer uma cruz, com a cera coloque em um saco plástico pendurado na frente da casa, serve para mal olhado, e inveja.

Ciência para caçar, uso da cera para carregar a espingarda (carregar cartucho) não pode falar a forma como é feita, pois, quebra a simpatia.

Colocar um pedaço de cera em objetos que carregamos sempre. Como: colares, chaves, etc. Pra livrarmos do mal.

Simpatia para crianças com vomitadeiras (vômitos).

Pegar cera da abelha cupinheira, esfregar sobre um cordão e colocar no pescoço da criança, isso serve para melhor a vomitadeira na hora.

Simpatia para arma de fogo.

Pegar a cera da cupinheira, colocar dentro da capanga (embornal) de munição, passar as ceras no cano da arma de fogo, isso serve contra macumba(feitiço) para arma não pisar (não negar fogo), quem faz essa macumba para arma de alguém, essa simpatia da cera serve para quebrar o feitiço.

Simpatia com marimbondo caçador

Para quem vai caçar e leva seu cachorro, para que o cachorro fique bom é só antes de ir, colocar o marimbondo caçador pra ferrear o focinho do cachorro, que ele vai ficar bom pra caçada.

Conclusão

Nesse trabalho procuramos descrever um pouco do conhecimento tradicional Xakriabá sobre as abelhas. No primeiro capítulo iniciamos com as informações gerais sobre o povo e o território Xakriabá. No segundo capítulo, descrevemos as abelhas e o seu habitat, tanto as que existem como as que estão em extinção. Descrevemos também sobre as técnicas de furar abelhas do povo Xakriabá, e a diferenciação do mel segundo seus usos, para a alimentação e produção de remédios, na confecção de artesanatos e simpatias. No terceiro capítulo falamos sobre os usos do mel e da cera, a diferenciação do mel segundo seus usos, para a alimentação e produção de remédios, e o uso da cera na confecção de artesanatos e simpatias. Como está sendo a transmissão desses conhecimentos tradicionais, e o que está contribuindo para o desaparecimento de muitas abelhas na nossa terra Indígena Xakriabá.

Apresentamos aqui o trabalho que fizemos com alguns dos nossos mais velhos da nossa aldeia. Percebemos então a grande importância que as abelhas têm para o nosso povo Xakriabá. Muitos conhecimentos que estavam guardados, que nós ainda não sabíamos. O que nós aprendemos com as nossas entrevistas, conversas e observações hoje podemos passar para os mais jovens. Nosso desejo é que este trabalho ajude a incentivar a população Xakriabá a preservar e conhecer essas espécies de abelhas que ainda existem dentro de nossa aldeia. Durante essa pesquisa descobrimos que a abelha oropa não é nativa de nossa terra, mas que o nosso povo descobriu essa abelha e foi se adaptando a ela.

Então percebemos a vontade e o cuidado que os mais velhos têm em repassar esses conhecimentos, quando são procurados. Assim, é preciso que os mais jovens tenham mais interesse nos conhecimentos tradicionais, para que estes circulem. Os mais velhos têm a preocupação de não passar esses conhecimentos para qualquer pessoa. Dentro desses conhecimentos, estão os remédios feitos com o mel dessas abelhas, os artesanatos e as simpatias, feitas com as ceras. Simpatias essas sobre as quais os mais velhos falaram pouco, pois há segredos que não podem ser escritos ou falados pra qualquer pessoa.

De acordo com nossas entrevistas esses conhecimentos eram passados dentro de casa como uma escola, de uma pessoa para outra assim ia dando continuidade nesses conhecimentos que vinham dos mais velhos.

Afirma seu Valdomiro: “Aprendi através de pai, mãe. Meu pai sempre ensinava pra gente, foi assim, um a escola de pai pra filho, filho pra neto, neto pra bisneto, pra tataraneto, isso começou desde Adão mais Eva, isso foi nu começo do mundo. Então é um a sabedoria que a natureza dá pra gente e gente vai passando de um pra outro.”

Segundo nossos entrevistados, esses conhecimentos também eram passados quando eles iam pra roças, como as coisas eram difíceis naquele tempo, na hora que dava fome o jeito muitas vezes era furar uma abelha, e como ali também estavam presentes os filhos eles iam aprendendo o jeito de mexer com as abelhas. Hoje esta difícil passar esses conhecimentos, porque existem muitas coisas que tiram a atenção das pessoas voltadas pros conhecimentos tradicionais, a exemplo disso é a televisão, a internet, eles ficam ligados essas coisas que só vem prejudicar o que é de mais valioso. A nossa cultura.

Assim, com o pensamento dos mais velhos, descobrimos o que mais causou a diminuição de algumas abelhas foram o desmatamento, as queimadas, e também a falta de chuva, que é frequente em nossa região. Além disso, nossa pesquisa indica que há uma relação entre este desaparecimento e uma mudança de práticas do nosso próprio povo em relação as agricultura. Como dissemos na introdução, as técnicas tradicionais de agricultura foram substituídas por métodos mais modernas, com uso de tratores e plantações menos diversas. O número de roças diminuiu, e algumas pessoas do nosso povo também já estão fazendo uso de agrotóxicos. Estes fatores, ao lado da diminuição das chuvas, contribuíram muito para o desaparecimento e fuga das abelhas.

Esperamos que nosso trabalho seja o inicio de novos caminhos para os demais pesquisadores indígenas, que estes dê em continuidade, para que os conhecimentos de nossos mais velhos não fiquem adormecidos. Há muitos outros conhecimentos sobre a relação das abelhas e a culturas Xakriabá, que não foram por nós registrados, assim novos pesquisadores podem dar continuidade, pesquisando e repassando para as demais pessoas que ainda não tem esse conhecimento.

Referencias bibliográficas:

- NUNES DE OLIVEIRA, Domingos, “Poesia sem título”, In: INDIOS XACRIABÁ, *O tempo passa e a história fica*, SEE-MG/MEC, 1997, pp. 20-24.
- PEDRO & CAMARGO
- SANTOS, R. E. Barbosa. “Memória Xakriabá: migrações e mudanças alimentares”. Em: *Ateliê Geográfico*, v.6, n.3, 2012, Goiânia-GO, p.77.
- VILLAS BOAS, Jerônimo, *Manual tecnológico: Mel de abelhas sem ferrão*. Brasília-DF, Instituto Sociedade População e Natureza (ISPN), Brasil, 2012, 96p. (Série Manual Tecnológico)
- SILVEIRA, Fernando A., MELO, Gabriel A. R., ALMEIDA, Eduardo A. B., *Abelhas brasileiras: Sistemática de identificação*. Belo Horizonte: Fernando A. Silveira, 2002, 253p.

Sites

- <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/desaparecimento-de-abelhas-fenomeno-ameaca-seguranca-alimentar.htm?cmpid=copiaecola>., acesso em 15 de abril de 2017.
- https://revistagalileu.globo.com/revista/common/EMI34066217770.00_cientista+descobrem-causado-sumico-abelhas.htm acesso em 15 de abril de 2017.